

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA AMÉRICA: ABORDAGENS TRANSNACIONAIS

Gládis Elise P. da Silva Kaercher¹

Isael da Silva Pinheiro²

Marcello Felisberto Morais de Assunção³

Raquel Kubeo⁴

Lewis Gordon, filósofo afro-americano, apontou em diversas reflexões o que ele chamou de um processo de “decadência disciplinar” (2017), ao referir-se a incapacidade de transmutação das disciplinas acadêmicas no século XXI diante de demandas oriundas do “social” em diversas matizes. As rotinas acadêmicas e a internalização de uma lógica neoliberal produtivista tem certamente dificultado essa necessária “viragem”, mas, especialmente, quando falamos da questão racial, temos algumas peculiaridades principalmente alicerçadas ao que podemos chamar de uma supremacia branca nas epistemologias e saberes de toda ordem.

As barreiras para a implementação dos estudos étnico-raciais – e suas aprendizagens na educação básica e superior – nas academias ocidentais são um exemplo claro de que, a despeito das lutas históricas de intelectuais orgânicos do movimento negro, indígena, etc, há tanta resistência que apesar de haver hoje diversas leis, diretrizes e medidas em diversos estados da América Latina e Caribe em torno de políticas educacionais antirracistas e inclusivas ainda há uma enorme distância entre as políticas públicas e as demandas destes mesmos movimentos.

Entretanto, este dossiê não pretende ser somente uma espécie de balanço das diversas dificuldades em torno da implementação da EREER, visto que há, de

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0632-2145>, E-mail: gskaaercher@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3124-2101>, E-mail: isaelsp.edu@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6978-6564>, E-mail: marcellofma@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orcid: E-mail: raquelramosmao@gmail.com

certa forma, diversas revisões nesse sentido, principalmente agora que se demarca 20 anos da Lei 10639/03 e 15 anos da Lei 11645/08.

Queremos apontar para as possibilidades e, mais do que isso, para as conexões transnacionais por toda Abya Yala em torno das demandas e práticas por uma educação antirracista que se desdobram na luta pelas reparações epistêmicas: o direito à história, cultura e memória afro-indígena.

Por isto, concebemos que este dossiê deveria estar alinhado com a perspectiva amefricana desenvolvida pela historiadora, antropóloga, teórica e militante do movimento feminista/negro Lélia Gonzalez. Lélia no ensaio *A categoria político-cultural da Amefricanidade* (1988) desenvolve uma reflexão sobre a noção de que a diáspora negra deve ir além de um referente “nortecêntrico” e até mesmo restrito a relação “brancos/negros”, mas deve pensar a formação social de Abya Ayala através do contributo negro/indígena expresso nas diversas manifestações culturais, sociais do continente “amefricano” e no caribe.

Os textos deste dossiê tentam contemplar, na medida do possível, esses dilemas e questões expressas no âmbito de uma educação étnico-racial e do antirracismo. No primeiro eixo de textos temos quatro abordagens que visam construir paralelos entre os processos de implementação das políticas afirmativas e da educação antirracista na comparação entre Brasil e outros contextos americanos, nomeadamente, Colômbia, Uruguai e Equador.

No primeiro texto “Ações afirmativas na educação: caminhos dos movimentos negros no Brasil e na Colômbia”, de Ana Lúcia Nunes de Sousa, Mariza Fernandes dos Santos, Darwin Balanta Garcia, há um estudo comparado entre os processos de implementação das ações afirmativas e de uma educação étnico-racial no contexto brasileiro e colombiano: dois estados nações marcados pela presença negra e por suas contraculturas da modernidade. No segundo texto de Martín José Fernández Ramírez, Carla Beatriz Meinerz, Alan Alves-Brito intitulado “Educação antirracista em perspectiva amefricana: implementação de políticas afirmativas no Brasil e no Uruguai” o foco se dá nestes processos de implementação a partir do contexto Uruguaio e brasileiro, pensando a contribuição decisiva dos respectivos movimentos negros para sua institucionalização.

Éllen Daiane Cintra, Mauri Balanta Jaramillo, Ethan Johnson em “Da normalidade do assassinato da psiquê e da carne negra: antinegitude na política e

na prática educacional no Brasil, Colômbia e Equador” há uma análise sobre como pensar a educação étnico-racial nestes três países a partir das dinâmicas de violência e reificação, se apropriando das leituras do afropessimismo para pensar e analisar a educação nestes contextos de racismo antinegro. Filipe Luiz Cerqueira Carvalho e Maria Alice Rezende Gonçalves em “A III Conferência Regional de Educação Superior para América Latina e Caribe: Considerações sobre interculturalidade, decolonialidade e raça” há uma discussão sobre os debates em torno da implementação dos saberes e cosmovisões afrodiáspóricas nos currículos da educação superior na América Latina e Caribe, pensando nestas possibilidades e nos seus limites a partir dos conceitos construídos pela teoria decolonial e da interculturalidade crítica.

Em um segundo eixo de textos temos algumas reflexões sobre as possibilidades práticas de se pensar a educação antirracista de um ponto de vista amefricano a partir de práticas no ensino básico e superior e em diversas disciplinas. Eduardo Silva Russel em “Práticas pedagógicas decoloniais e a integração da amefricanidade no ensino de língua e literaturas na educação básica” evidencia por meio de relatos de professores as possibilidades de pensar a decolonialidade na sala de aula no ensino de língua e literaturas, pensando especialmente a partir da perspectiva amefricana do “pretugues”.

Nesta mesma linha Simone da Silva Flores e Ivaine Maria Tonini no texto “Currículo geográfico interseccional: uma abordagem amefricana” vão pensar a conexão da amefricanidade e interseccionalidade para o ensino de geografia, evidenciando as relações entre a categoria de espaço e essas leituras. Maricel Mena Mena López, Nevis Balanta, Nathália Montezuma em “Educação nossótrica: um paradigma para uma educação antirracista no ensino religioso nas Américas” há uma busca por pensar o ensino religioso através de uma perspectiva étnico-racial que vá além somente do mundo “judaico-cristão”. Em “Do Quilombo ao Afro-Latino-América: Possibilidades para uma educação antirracista”, de José António dos Santos, há uma análise sobre as possibilidades do uso da imprensa negra em sala de aula para pensar o contexto amefricano na afro-latino-américa, em especial, na crítica ao constructo da democracia racial.

Em um terceiro eixo de textos essas questões são pensadas através de um prisma nacional, considerando as diversas complexidades regionais. Elaine Cristina Ventura Ferreira em “A identidade negra no imaginário nacional do movimento negro em suas propostas de uma educação para as relações étnico-raciais (1948-1983)” evidencia o largo histórico de propostas do movimento negro

desde o pós-guerra e criação da UNESCO para a afirmação de uma memória e identidade negra, pensando os primórdios da chamada “educação étnico-racial”.

Rosinalda Olaséni Corrêa da Silva em “Educação e africanidades pelo direito à História e à memória afrodescendente” esboça as possibilidades de uma educação antirracista e Iorubá a partir de sua própria experiência no ensino superior enquanto mulher negra e quilombola.

Iolete Ribeiro da Silva e Vitória Maria da Silva Miranda em “Perfil de estudantes amazônidas em formação: reflexões étnico-raciais no curso de letras do Alto Rio Negro” propõem analisar a formação racial dos estudantes desta região, pensando uma proposta de “pedagogia amazônica” para lidar com a imensa diversidade negro/indígena nesse contexto.

Jaison Simas e Márcia Esteves de Calazans em “A potencialidade em narrativas protagonizadas por cineastas negros/as” há uma leitura do potencial educador do cinema para pensar não só a violência colonial contra corpos racializados, mas também as firmas de (re)existência que desconstroem os estereótipos visuais reificados. Por fim, Tamires Ferreira Coêlho e Juliane Silva Soares em “Apropriação de mídias digitais e construção de memes em sala de aula: Reflexões a partir de uma perspectiva interseccional” se apropriam das mídias digitais (em especial os memes) para pensar a possibilidade de uma educação antirracista e interseccional, explorando essa chave em turmas do 6º ano da EMEB Celina Fialho Bezerra, em Cuiabá.

Integra também o dossiê parte de uma entrevista com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, realizada por Rosa Maria Hessel Silveira e Iara Tatiana Bonin em 22 de abril de 2022, atividade desenvolvida no âmbito de ações do projeto “A revista Cacique e a infância gaúcha dos anos 50: textos e leituras”. Na leitura deste texto, podemos conhecer um pouco da história dessa importante pesquisadora: sua infância, os percursos escolares e universitários, a diversidade de experiências na docência e na pesquisa.

Agradecemos aos autores/as dos artigos e aos leitores que terão neste dossiê um primeiro passo para pensarmos a educação étnico-racial em contextos mais transacionais, articulando as diversas especificidades regionais na América e por todo globo.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Lélia Gonzalez: Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo, Zahar, 2020.

GORDON, Lewis. Decadência disciplinar e a de(s)colonização do conhecimento. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, 2017, p. 110-126